

A dialogia como instrumento de análise e projeção de áreas de interesse cultural

Roberta Krahe Edelweiss

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo / Centro Universitário Ritter dos Reis

robertaedelweiss@gmail.com

Resumo

A cidade, entendida a partir de sua complexidade, apresenta ao longo do tempo diferentes configurações e significados. A partir do entendimento da relação entre o espaço construído, as práticas sociais e as transformações urbanas - sejam elas físicas ou de significado – reconhece-se, além da dimensão geográfica, as dimensões social e histórica da cidade e afirma-se então a complexidade urbana. O planejamento, o projeto e a gestão urbanos correspondem, por sua vez, a indissociáveis práticas na busca de um ordenamento do território urbano. É a partir do reconhecimento da importância de instrumentalização dos processos de planejamento e projeto urbano, associados ao reconhecimento de sua complexidade que se insere este artigo. Apoiado na interdisciplinaridade do urbanismo como indicativo para uma aproximação a partir de diferentes abordagens, o artigo traça a possibilidade de elaboração de uma instrumentalização complexa de análise e projeção urbanas focada na dialogia. Compreendendo, assim, tanto a vitalidade da cidade a partir de seus processos de transformação quanto a construção de uma identidade a partir de práticas sociais constituintes de valores de memória, o artigo tem foco em áreas urbanas de interesse cultural, atribuídas de significado. As transformações urbanas, sejam elas causais ou casuais, são resultantes do processo de construção da cidade e, no caso de áreas de interesse cultural, devem ter especial atenção. É neste sentido que coloca-se a importância do constante acompanhamento dos processos de transformação urbana. Valores de memória coletiva, bem como resultados da relação dialógica entre os agentes construtores da cidade – sociedade civil, poder público e poder privado - pertencentes a um o contexto específico, atuam como propulsores de permanências bem como de ruptura do espaço construído. É a partir de estudos existentes e de instrumentos de análise e projeção do espaço urbano constituídos que surge o interesse pelo incremento dos mesmos com a proposição de uma abordagem a partir da dialogia. Neste sentido, entende-se como uma importante contribuição ao urbanismo como processo científico e metodológico, a construção de uma revisão de teorias já propostas bem como a contribuição a este instrumental a partir de uma aproximação ao meio ambiente social e histórico. Assim sendo aponta-se uma primeira aproximação às bases teórico-metodológicas a serem perseguidas pelo projeto. São elas, o reconhecimento da história da cidade como legado e método – a partir de contribuições de autores como Aldo Rossi e Lewis Mumford – as contribuições sobre a apreensão da forma urbana – a partir de estudos de Gordon Cullen, Kevin Lynch, José Garcia Lamas e Maria Elaine Kohlsdorf – e contribuições à interpretação do espaço habitado a partir do meio ambiente social e histórico, representados pela aplicabilidade de estudos sobre dialogia de Mikhail Bakhtin ao espaço urbano, da hermenêutica aplicada à arquitetura por Paul Ricoeur e da Topogênese ou arquitetura como lugar por Josep Muntanola.

Palavras chave: dialogia, arquitetura e urbanismo, instrumentos de análise e projeção, áreas de interesse cultural

Introdução

A cidade, entendida a partir de sua complexidade, apresenta ao longo do tempo diferentes configurações e significados. A partir do entendimento da relação entre o espaço construído, as práticas sociais e as transformações urbanas - sejam elas físicas ou de significado – reconhece-se, além da dimensão geográfica, as dimensões social e histórica e afirma-se então a complexidade urbana. O planejamento, o projeto e a gestão urbanos correspondem, por sua vez, a indissociáveis práticas na busca de um ordenamento do território urbano. É a partir do reconhecimento da importância de instrumentalização dos processos de planejamento e projeto urbano, associados ao reconhecimento de sua complexidade que se insere este projeto. Apoiado na interdisciplinaridade do urbanismo como indicativo para uma aproximação a partir de diferentes abordagens, o projeto traça a possibilidade de elaboração de uma instrumentalização complexa de análise e projeção urbanas focada na dialogia. Compreendendo, assim, tanto a vitalidade da cidade a partir de seus processos de transformação quanto a construção de uma identidade a partir de práticas sociais constituintes de valores de memória, o projeto tem especial interesse em áreas urbanas de interesse cultural, atribuídas de significado.

As transformações urbanas, sejam elas causais ou casuais, são resultantes do processo de construção da cidade e, no caso de áreas de interesse cultural, devem ter especial atenção. É neste sentido que coloca-se a importância do constante acompanhamento dos processos de transformação urbana. Valores de memória coletiva, bem como resultados da relação dialógica entre os agentes construtores da cidade – sociedade civil, poder público e poder privado - pertencentes a um o contexto específico, atuam como propulsores de permanências bem como de ruptura do espaço construído.

A partir do interesse na salvaguarda do patrimônio material e da preocupação com as os instrumentos de reconhecimento relacionados ao complexo exercício da memória coletiva, aponta-se para a necessidade em elaborar um estudo aprofundado que relacione de maneira interdisciplinar o patrimônio material e o imaterial. Ressalta-se como uma importante estratégia de preservação em áreas de interesse cultural, a vitalidade, capaz de garantir através do uso, seja ele novo ou permanente, a preservação tanto da memória quanto do espaço construído. O fluxo moderado e intenso de pedestres, a justaposições de usos comuns ou a superposição de usos ao longo da história são qualidades do espaço que confirmam sua vitalidade, sendo disputado pela vivência e capaz de ser fisicamente preservado. Para tal, a memória coletiva é elemento essencial para entendimento da apreensão, pelos usuários, da complexidade urbana e do reconhecimento de qualidades tais como significado e identidade. A cidade contemporânea, neste sentido, deve ser entendida a partir de sua multiplicidade funcional, e, por consequência, de sua multiplicidade de significados sociais.

É a partir de estudos existentes e de instrumentos de análise e projeção do espaço urbano já constituídos que surge o interesse pelo incremento dos mesmos com a proposição de uma abordagem a partir da dialogia. Neste sentido, entende-se como uma importante contribuição ao urbanismo como processo científico e metodológico, a construção de uma revisão de teorias já propostas bem como a contribuição a este instrumental a partir de uma aproximação ao meio ambiente social e histórico. Assim sendo, aponta-se uma primeira aproximação às bases teórico-metodológicas a serem perseguidas pelo projeto. São elas, o reconhecimento da história da cidade como legado e método – a partir de contribuições de autores como Aldo Rossi e Lewis Mumford – as contribuições sobre a análise urbana – a partir de estudos de Gordon Cullen e Kevin Lynch, – e contribuições à interpretação do espaço habitado a partir do meio ambiente

social e histórico, representados pela aplicabilidade de estudos sobre dialogia de Mikhail Bakhtin ao espaço urbano, da hermenêutica aplicada à arquitetura por Paul Ricoeur e da Topogênese ou arquitetura como lugar por Josep Muntanola.

Cidade, memória e história

O artigo *Cidade contemporânea, memória e preservação patrimonial: uma interpretação a partir das preexistências culturais* (EDELWEISS 2016) desenvolve uma aproximação teórica ao patrimônio cultural edificado, interpreta a cidade a partir dos fatos urbanos, ressalta a importância das dimensões histórica e social como construtores da cidade e reflete acerca das iniciativas contemporâneas em prol da preservação patrimonial.

Mumford (2001) entende que a cidade tem a capacidade de transmitir a cultura através do tempo. A cultura em sua complexidade, seja ela expressa por vestimentas, modos de habitar ou pela linguagem tem abrangência de âmbito local e se traduz a partir de gestos, capazes de identificar grupos sociais. Segundo a UNESCO (UNESCO 2015) “O Patrimônio Cultural Intangível ou Imaterial compreende as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes.”

Toda a coletividade necessita de certos lugares arquetípicos, carregados de valores simbólicos; se a cidade não os oferece, os grupos sociais os criam. Todo o conglomerado humano necessita viver num ambiente configurado por limites, portas, pontes, caminhos e vazios. Bem como deseja lugares de relação como praças, mercados e centros comerciais. Recintos mistos como salões de baile e discotecas. Sempre vão gerando novos espaços sagrados, símbolos do poder, como os museus e as entidades bancárias. (MONTANER 1997)

A citação de Montaner (1997), acerca da coletividade e da necessidade de fazer lugar, ilustra a dinamicidade da cidade, entendida como o cenário da vida social. A partir deste entendimento é possível compreender o conceito de permanências e rupturas e o entendimento dos fatos urbanos como estruturadores da cidade conforme proposto por Rossi (1995).

O ato de habitar a cidade, em sua complexidade, conforme estabelecido por Heidegger (1994) compreende a transformação de espaço em lugar, atribuindo-lhe significado. O habitar, portanto, pode ser entendido como um ato sensível de memória, onde o habitante é capaz de estabelecer relações entre os elementos postos em diálogo em diferentes cenários urbanos. A partir de fragmentos de memória, seja por relatos presentes na memória coletiva e passada de geração em geração, seja pelo patrimônio edificado que carrega em si valores e a memória de algo que “ali passou” e que tem para um determinado contexto valor, seja pela interpretação indissociada entre o tangível e o intangível na construção coletiva da memória do lugar. O patrimônio cultural, em sua complexidade e constante construção do lugar, é passível de significado para as pessoas que nele habitam, o qual tem uma dinâmica temporal que deve ser compreendida.

Leonardo Benevolo (2012, p.9) coloca que “A cidade não existiu sempre, mas teve início num dado momento da evolução social, e pode acabar, ou ser radicalmente transformada, num outro momento. Não existe por uma necessidade natural, mas uma necessidade histórica que tem um início e que pode ter um fim.”. Os fatos urbanos, entendidos como elementos de valor e significado para uma sociedade são elementos estruturadores da cidade e pertencem à memória coletiva. Dos fatos urbanos se compreende o fenômeno das permanências, e como

sua antítese o fenômeno das rupturas, sejam elas monumentos ou fragmentos do tecido urbano.

Menezes (2009) ressalta o caráter indissociado entre patrimônio material e imaterial, uma vez que ambos estão relacionados pois o patrimônio imaterial está vinculado ao território e o patrimônio material é passível de significado. A complexidade do entendimento da cultura e do Patrimônio Cultural, em suas relações entre o material e o imaterial, extravasa o físico e tem uma relação territorial e temporal. A territorialidade da cultura pode ter diferentes âmbitos, uma vez que ela pode ter escala local ou global, mas que sempre pertence a uma coletividade. Em um mundo contemporâneo, a questão territorial da cultura é colocada à prova, e diferentes organizações da coletividade apontam que o território virtual também deve ser considerado como meio de acontecimento de atos culturais. Em uma complexidade contemporânea ainda remanesce a importância em preservar a identidade, no cenário urbano, a partir da preservação do patrimônio edificado, com o intuito de preservar a identidade de uma cultura, sua memória e sua história.

“Vendo aquelas casas, aquelas igrejas, de surpresa em surpresa, a gente como que se encontra, fica contente, feliz e de lembra das coisas esquecidas, de coisas que nunca soube, mas que estavam lá dentro de nós....” (COSTA 1995)

O trecho de *Documentação Necessária* de Lucio Costa, elaborado primeiramente em 1929 para Manuel Bandeira na ocasião da edição comemorativa do Jornal Mineiro e logo após, em 1938, publicado por Gylberto Freire em Casa Grande e Senzala apresenta uma reflexão acerca o exercício de memória e do reconhecimento a partir de elementos construídos no espaço urbano. A citação ilustra a motivação do projeto, a partir da carência de entendimento do legado social de operações em prol do patrimônio cultural.

A leitura da cidade a partir dos elementos de permanência e que agregam valor à sociedade é contribuição ao entendimento da construção coletiva do patrimônio. O diálogo entre as permanências e o tecido urbano, em constante alteração, agrega à interpretação dos fatos urbanos complexidade, a partir de uma leitura temporal, considerando os valores de memória coletiva remanescentes. A cidade, como lugar construído, neste sentido, entende-se como resultante da interação entre todos os agentes atuantes dentro do contexto urbano, refletindo em permanências e rupturas no tecido urbano.

O significado atribuído aos elementos construtores de memória no exercício de leitura urbana tem diferente interpretação em função de seu contexto e suas referências. A leitura de um conjunto tem diferente significado para a sociedade contemporânea que o teve em seu surgimento. O entendimento da estrutura do reconhecimento estabelecido por Aristóteles (1982) onde um indivíduo somente é passível de reconhecer aquilo que já conhece ilustra o processo de significação e resignificação.

Uma interpretação temporal da estrutura urbana, revela o habitar como o motivo e o resultado da construção de lugar. Desta maneira, entende-se o habitar como elemento essencial da construção e reconstrução da cidade. A interpretação do processo dialógico de configuração urbana, a partir da interação entre todos os agentes postos em diálogo no habitar deve destacar a sua complexidade em sua diversidade de agentes postos em diálogo seja em sua temporalidade.

Segundo Gregotti (1975) “a paisagem não tem somente a dimensão geográfica, mas também as dimensões histórica e social”. Lefebvre (2000) entende o espaço habitado a partir de três

âmbitos, o espaço construído, o espaço vivido e o espaço percebido, sendo eles as dimensões física, social e mental, respectivamente. A interpretação da paisagem urbana a partir de todas as suas dimensões e a relevância, portanto aos fatos urbanos considera a possibilidade de permanências e rupturas em sua evolução. Posto que significado e valor ao longo do tempo podem sofrer mudanças, e é fato a sobreposição de tempos, é fato a ocorrência de mudanças no tecido urbano.

Estratégias como o reuso de edificações existentes ou a requalificação de áreas urbanas ou conjuntos são capazes de ressignificar e transformar. Neste sentido, a instrumentalização das estratégias é essencial, uma vez que a transformação é capaz de transformar valores, sejam eles sociais ou inclusive econômicos. Portanto, estratégias deste porte devem levar em consideração a transformação urbana em todas as suas dimensões, almejando a salvaguarda de valores sociais presentes na história da cidade. Os riscos de gentrificação, da transformação total de dimensões social e histórica bem como o risco da transformação de lugares em não lugares, expressos pela substituição de usos, são riscos inerentes a tais estratégias e devem ser criteriosamente considerados visando a salvaguarda do patrimônio cultural em seu sentido mais amplo.

Para Jacobs (2011) os olhos da cidade podem ser entendidos como os olhos das pessoas da cidade. Seu discurso defende o protagonismo da vida urbana em sua escala do espaço público, a conservação de valores de uso da cidade, bem como a sua ocupação como forma de garantia de segurança pública. A preocupação com movimentos de substituição de sistemas existentes em prol de renovação é capaz de fazer com que lugares percam seu uso expulsem a sua população original.

As dimensões social e histórica, levadas em consideração e a consideração dos valores de memória e história são essenciais no planejamento urbano e na avaliação de estratégias de preservação. É importante remeter ao entendimento de cidade, como elemento de união entre indivíduos, o entendimento do espaço público como cenário onde ocorrem inter-relações entre seus habitantes e o mesmo também como elemento estruturador da cidade. A evolução urbana neste sentido, ocorre a partir da preservação de valores de memória e história e, portanto, da preservação não somente do patrimônio material mas também do imaterial considera as pessoas do lugar e suas vozes na coletividade.

A dialogia do espaço percebido

Conforme supracitado, Lefebvre (2000) compreende o espaço pode ser compreendido a partir das dimensões do espaço construído, do espaço vivido e do espaço percebido. É a partir destes três âmbitos que este projeto de pesquisa relaciona instrumentos de análise urbana referenciais e indicativos para a revisão bibliográfica a ser desenvolvida em maior profundidade durante o desenvolvimento do projeto. O item apresenta uma revisão de estudos capazes de contribuir filosoficamente para o desenvolvimento do projeto. Tais estudos vinculam-se ao entendimento de lugar como espaço atribuído de significado e a visão hermenêutica. A pesquisa tem por referencial teórico-metodológico o entendimento da Arquitetura e Urbanismo como um processo dialógico onde todos os elementos atuantes na cidade são contribuintes para a construção do lugar conforme a Teoria do Lugar abordada por Josep Muntanola. Além disto a pesquisa se baseia em estudos contribuintes ao campo da análise urbana pautados pela percepção, tais como as contribuições de Lynch e Cullen, na busca de significado pela Escola Hermenêutica por Paul Ricoeur e na abordagem ao campo da Arquitetura e Urbanismo a partir

de uma ótica temporal proporcionada pelo paralelo traçado entre Narrativa e Arquitetura. Acredita-se possível, a partir deste referencial, observar diferentes cenários a partir de recortes temporais aplicados ao estudo de caso.

Conforme Cullen (2000) a paisagem urbana apresenta três aspectos passíveis de A *ótica*, conforme o autor, compreende a visão serial formada por percepções sequenciais dos espaços urbanos capazes de representar diferentes percepções e/ou pontos de vista conforme o movimento e a posição. O segundo fator é o *local*, que diz respeito às reações do sujeito com relação a sua posição no espaço, vulgarmente denominado sentido de localização, “estou aqui fora”, e posteriormente, “vou entrar em um novo espaço”, e finalmente, “estou cá, dentro”; esse aspecto refere-se às sensações provocadas pelos espaços; abertos, fechados, altos, baixos etc. O terceiro aspecto é o *conteúdo*, que se relaciona com a construção da cidade, cores, texturas, escalas, estilos que caracterizam edifícios e setores da malha urbana.

Lynch (1980) estabelece questões relativas ao reconhecimento do espaço construído, a partir da estruturação de elementos percebidos pela memória. Conforme o autor o espaço construído pode ser percebido a partir de cinco elementos, sendo eles caminhos, limites, bairros, pontos nodais e marcos. Os mapas mentais desenvolvidos por Lynch revelam que a capacidade de apreensão do espaço construído pode representar a memória coletiva. Para o autor, a percepção ambiental pode ser analisada segundo três componentes, sendo eles a estrutura, a identidade e o significado.

Algumas teses de doutorado dirigidas por Josep Muntanola ensaiam um campo de aproximação à arquitetura a partir da dialogia. Entre elas destacam-se a tese de doutorado de Ana Paula Lepori, intitulada a cidade como laboratório social, desdobramentos deste trabalho é a elaboração de projeto de lei para Parati como patrimônio a e a metodologia de abordagem dialógica partir de três âmbitos, sendo eles o geográfico, o histórico e o imaginário. a tese A dialogia na arquitetura dos museus brasileiros a partir do movimento moderno (EDELWEISS 2008) , da tese foram desenvolvidas categorias de análise quanto à relação dialógica entre continente e conteúdo.

A partir de uma visão interdisciplinar, a Topogênese, ou Arquitetura como Lugar, busca compreender a construção de lugares, a partir de um ponto de vista arquitetônico. Para tal, Josep Muntanola propõe o uso de outras disciplinas como aporte instrumental. Nesta busca, são válidas contribuições dos campos da ética, da estética e da ciência. Muntanola (2007) define a Topogênese como “o estudo do desenvolvimento da arquitetura, considerada sempre como lugar habitado, desde sua tripla e simultânea natureza dialógica: estética, científica e política”.

As vozes na narrativa revelam o pensamento das personagens; no campo da arquitetura, revelam os anseios dos usuários. A interpretação das vozes dos usuários é uma maneira rica de conhecimento de necessidades por parte de um autor. A partir da colocação de Josep Muntanola acerca das “vozes” detectamos um instrumento de análise que pode ser transposto para o campo da arquitetura.

“As ‘vozes’ da narrativa têm demonstrado ser um bom instrumento narrativo de crítica literária. Uma novela em primeira pessoa não é o mesmo que em segunda pessoa, um personagem não é o mesmo que dois. A poética de uma novela tem que ser sensível às ‘vozes’ de uma narrativa, etc. Um bom crítico, um bom professor e um bom escritor podem tirar proveito deste ‘instrumento’ da teoria narrativa.” (MUNTAÑOLA 2000a, p.163)

Segundo Muntanola (2007), “Na arquitetura, o fenômeno cronotópico se materializa através de um mundo construído e habitado, que distingue a arquitetura de qualquer outra arte”. O

fenômeno cronotópico trata do reconhecimento de elementos a partir da memória. A memória também pode assumir variações e particularidades. Seu caráter pode ser individual ou coletivo. A memória coletiva faz parte da cultura de um grupo, e está, portanto, relacionada com este grupo em sua essência. Isto significa que a voz de um grupo revela traços de uma memória coletiva, que é um instrumento de detecção da cultura de um povo. A voz individual revela a memória individual, que por sua vez é contaminada pela memória coletiva, pois existe um conjunto de experiências em comum em determinada cultura. É outra vez o exercício do reconhecimento que detecta tais códigos presentes nos objetos. Muntañola (2007) coloca que é a partir do reconhecimento das vozes que se afirmam as estratégias projetuais para a configuração do lugar.

“Ainda que em arquitetura não existam propriamente os mundos cósmico e social do cronotopo literário, existe sim a possibilidade de “conversar” imaginariamente com formas e usuários de outras épocas através da projeção de um espaço-tempo, de uma forma nova.” (MUNTAÑOLA 2007)

É importante ressaltar o caráter da arquitetura, como construtora de lugar e portadora de valores como a memória coletiva de acontecimentos históricos e da referência ao espaço e ao tempo a que pertence, percebidos através de sua linguagem. Neste sentido, as contribuições de Josep Muntañola, a partir da arquitetura como lugar, ou topogênese, trata de dar à arquitetura a possibilidade de uma análise a partir de seu contexto em sua complexidade, tanto cultural, quanto histórica e geográfica, contemplando interações entre partes, lugares, objetos construídos, culturas e técnicas.

A Escola Hermenêutica, segundo Ricoeur (1995) deve ser vista como um sistema de interpretações que proporciona uma leitura ou visão de mundo a partir da existência humana, ou seja, dentro deste sistema, o indivíduo é considerado uma das partes de um sistema maior. A narrativa conforme Ricoeur (1995) pode ser desmembrada em partes distintas de um sistema complexo, representando suas diferentes etapas. Esta decomposição apresenta, um caráter temporal. O desmembramento das etapas de prefiguração, configuração e refiguração da narrativa, conforme proposto por Ricoeur é capaz de ser estendido à interpretação de Arquitetura e Urbanismo.

Na arquitetura ocorre um fenômeno semelhante ao da narrativa: a arquitetura ocorre também como uma necessidade, no caso uma necessidade de gerar um espaço físico de proteção, para o simples ato de habitar. É premissa da arquitetura o fato de oferecer um lugar físico, para que nele se possa habitar, seja qual for a sua função específica. Está implícita a dimensão espacial da narrativa, bem como está implícita a dimensão temporal da arquitetura. Esta afirmação de Ricoeur (2003) se confirma a partir do fato de que necessariamente a narrativa ocorre em um determinado espaço-tempo relatado e a arquitetura, por sua concepção de objeto físico real, está a mercê da ação do tempo.

Na narrativa, em resumo, na prefiguração, o relato - passível de ser compreendido como “a unidade capaz de narrar a temporalidade humana” (CALVI 2003, p. 56) - é praticado de uma maneira livre. Nele ocorre um intercâmbio de experiências que na configuração passará a assumir uma forma textual. A refiguração se refere, cronologicamente, à última das três etapas da narrativa - é o momento de leitura e releitura do relato. No campo da narrativa, na etapa de prefiguração, o relato está presente na vida cotidiana, em forma da simples conversação. A conversação se converte em um intercâmbio de memórias ou experiências. O relato somente pode ser praticado livremente com a existência da convivência, antes de assumir uma forma literária. No campo da arquitetura, o ser humano necessita de um espaço para habitar. Desta maneira, na transposição da prefiguração à arquitetura, esta etapa estaria presente no ato de

habitar. Este ato é reflexo de uma necessidade humana, que por sua vez, gera a necessidade de construir, ou seja, de fazer espacialmente possível o ato de habitar. Assim, o habitar é uma necessidade vital primordial que desencadeia na construção.

A configuração, no campo da narrativa, é a etapa onde o relato assume a forma de narrativa propriamente dita. A narrativa está presente em uma obra literária. Nesta fase, a narrativa apresenta uma estrutura rígida que é a configuração do relato presente anteriormente na vida cotidiana. É importante ressaltar a necessidade de identificação dos personagens correspondentes a cada etapa. Neste caso fica claro, independentemente do caráter interativo da obra, que a configuração e consequente proporção de possibilidades é, antes de tudo, a etapa que envolve o autor e seu processo criativo. Na arquitetura, a configuração corresponde ao “construir”. O ato de construir é uma consequência do ato de habitar. É um momento presente de construção para um futuro, que será o uso destas construções. É no ato da configuração que ocorre a tomada de decisões por parte de um autor. É neste momento de concepção da obra que serão expressas as intenções a serem a partir de então contempladas.

A refiguração é a etapa de leitura e releitura do relato. Nesta fase o relato já está pronto, imutável e oferecido para ser lido e relido. No campo da arquitetura, a refiguração representa a utilização das construções, a leitura e releitura das cidades por parte dos cidadãos. A este momento de leitura e releitura chamamos refiguração. Na arquitetura, a leitura e releitura representam a utilização e a compreensão do espaço.

A abordagem apresentada, conforme o paralelo entre narrativa e arquitetura e a aplicação dos tempos de Prefiguração, Configuração e Refiguração a Arquitetura e Urbanismo possibilitará um entendimento mais aprofundado do estudo de caso. A partir de leituras de cenários, diferenças e semelhanças poderão ser comparadas no sentido de se compreender a transformação de significado do objeto.

Instrumento de análise e projeção em áreas de interesse cultural a partir da dialogia

A fim de desenvolver e implementar uma metodologia de análise e projeção aplicável aos espaços urbanos de interesse cultural a pesquisa deverá partir da análise de cada tempo, conforme proposto por Paul Ricoeur no paralelo entre arquitetura e narrativa – sendo eles prefiguração, a configuração e a refiguração – para então ser capaz de estabelecer uma análise estruturada das transformações observadas no espaço construído e relação com o imaginário. A possibilidade de traçar um paralelo entre os âmbitos do espaço habitado – espaço vivido, espaço construído e espaço percebido, conforme proposto por Lefebvre – e os tempos de Ricoeur contribui ao método com a possibilidade de relacionar espaço e tempo. Além disto, será importante definir em cada uma das etapas quais são os agentes em ação, uma vez que a pesquisa deverá buscar as fontes adequadas para cada etapa de pesquisa. A tabela 1 ilustra uma primeira aproximação ao desenvolvimento da metodologia a partir de disciplinas e dos aspectos listados.

Tempo	Prefiguração (social)	Configuração (físico)	Refiguração (mental)
Espaço	Vivido	Construído	Percebido
Âmbito	Social	Físico	Mental
Atores	Sociedade	Agentes de Planejamento, Projeto e Gestão (público e privado)	Sociedade
Aspectos	Evolução urbana	Morfologia urbana	Memória coletiva

	Práticas sociais	Políticas Públicas	
--	------------------	--------------------	--

Tabela 1: estrutura da pesquisa. Fonte: autora

É importante sublinhar que o projeto compreende da cidade a partir de uma ótica dialógica, e, portanto, um sistema de relações, entendendo-a através de seu contexto em sua complexidade, atentando à relevância das interações entre partes, lugares, objetos construídos, culturas e técnicas. Uma vez que o que propõe este projeto é compreender o tecido urbano como um conjunto, que abriga obras edificadas pertencentes à memória coletiva e que, isoladas ou em conjunto, por sua vez, fazem parte de um conjunto complexo que representa fatos urbanos, constituindo o seu patrimônio cultural. Desta maneira a leitura de cada tempo deve considerar todos os aspectos postos em diálogo, como por exemplo as vozes de memória histórica, políticas públicas, interesses privados, ou as vozes do ativismo urbano.

É a partir desta premissa que devem ser criteriosamente revisados e incorporados ao projeto instrumentos de análise urbana. É a partir dos instrumentos existentes e da importância da salvaguarda dos valores de memória e história no contexto urbano que se apresenta a área a ser desenvolvida no projeto. Salientando que constitui parte da pesquisa a análise e seleção dos instrumentos, de maneira sucinta, a tabela 2 ilustra instrumentos passíveis de serem empregados pelo projeto.

Espaço	Vivido	Construído	Percebido
Instrumentos	Observação de Práticas Sociais	Levantamento físico-geográfico Revisão e elaboração de síntese de diretrizes legais relacionadas à área de abrangência da Rua da Praia (planos diretores, patrimônio)	Oficinas de Mapas mentais Entrevistas

Tabela 2: instrumentos de análise passíveis de serem empregados pelo projeto. Fonte: autora

É a partir da leitura refigurativa, carregada de valores de memória e identidade que verifica-se a relação dialógica no espaço habitado. Neste sentido poder-se-á valorar, a partir do confronto entre tempos, âmbitos, agentes e aspectos como se relacionam espaço vivido e espaço construído. A tabela 3 ilustra, de maneira sucinta, simula possibilidades de relações entre espaço vivido e espaço construído.

As práticas sociais têm relação direta com o espaço construído. Entende-se que as edificações foram construídas para o uso atual e há a manutenção tanto do espaço construído quanto dos usos.
Observa-se uma transformação de uso no espaço construído. A obsolescência de práticas sociais histórica e a vitalidade dão espaço a novos usos em estruturas existentes.
Não há relação entre as práticas sociais e o espaço construído. A dissonância entre ambos se revela por pouca circulação de pessoas ou o abandono.

Tabela 3: possibilidades de relações entre espaço vivido e espaço construído. Fonte: autora

A dialogia como já desenvolvida em demais trabalho supracitados abre possibilidades em compreender de maneira estruturada a complexidade urbana a partir de diferentes perspectivas. Acredita-se, a partir de uma análise estruturada contribuir para a projeção, a partir do reconhecimento de fraquezas e potencialidades em suas relações dialógicas.

Conclusão

A relação dialógica entre espaço vivido e espaço percebido coloca-se como uma questão a ser validada a partir da memória – o espaço percebido. É a partir desta relação que se poderá observar as relações entre a vitalidade urbana e a memória em áreas de interesse cultural. Acredita-se que esta investigação, a partir da abordagem dialógica aplicada ao contexto urbano é capaz de fornecer ferramentas metodológicas que abrangem a complexidade da cidade como âmbitos social, físico e mental, além de contribuir como ferramenta de projeção do espaço habitado.

O especial interesse na complexa relação dialógica percebida em áreas de interesse cultural, representada por elementos tais como a estrutura formal da cidade e de seus equipamentos, os agentes construtores da mesma, a apropriação urbana, a memória e a história levam ao interesse em compreender o espaço urbano a partir de uma perspectiva social e histórica. Tal complexidade, bem como a dialogia entre diferentes elementos e dimensões tais como a dimensão física, a dimensão social e a dimensão histórica são conceitos abstratos, passíveis de serem validados a partir da apropriação e das práticas sociais. Neste sentido, entende-se como uma tarefa técnica da ciência urbana, o entendimento das relações entre elementos, dimensões e agentes. A dialogia no espaço construído é, portanto, capaz de ser percebida a partir da construção de memória coletiva. É este indicativo da busca de um entendimento da complexidade o foco do presente artigo. A aplicação da visão dialógica, portanto, apresenta-se como um possível instrumento de análise e projeção das transformações urbanas. Tem como resultados a validação ou o rechaço de hipóteses lançadas pelo planejamento e pelo projeto urbano a partir do espaço habitado bem como a possibilidade de atuar como suporte aos mesmos a partir do espaço projetado.

A partir do exposto comprova-se a relevância do desenvolvimento e implementação de uma metodologia de análise e projeção aplicável aos espaços urbanos de interesse cultural, a partir do reconhecimento e apropriação de múltiplos instrumentos de análise urbana constituídos e do seu incrementado pela ênfase na relação dialógica estabelecida no espaço habitado. O artigo, neste sentido, desenvolve um instrumento de análise e projeção, a partir da dialogia, focado na problemática das áreas urbanas de interesse cultural, onde as variáveis culturais e sociais surgem como dimensões específicas a serem consideradas no processo de transformação urbana.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Poética*. In: Obras. Madrid: Aguilar S.A. de ediciones, 1982
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010
- BENEVOLO, L. *História da cidade*. São Paulo: Perspectiva, 2012
- CALVI, Evelina. Proyecto y relato. La arquitectura como narración. In: *Revista Architectonics*, nº4, 2003.
- COSTA, L. *Registro de uma Vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995
- CULLEN, G. *Paisagem urbana*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000
- EDELWEISS, R. K. Cidade contemporânea, memória e preservação patrimonial: uma interpretação a partir das preexistências culturais. In: *Revista Oculum Ensaios*, v.13, n.1. pp.

- 153-162. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/view/3220>> Acesso em 07 dez 2016
- GREGOTTI, V. *Território da arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 1975. Tradução de Il territorio dell'architettura. Milano, Feltrinelli, 1966.
- HEIDEGGER, M. *Conferencias y artículos. Capítulo sexto. Construir, habitar, pensar*. Barcelona: Ed. Serbal, 1994. p. 139-142.
- JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011. 3ª. Ed.
- LEFEBVRE, H. *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000)
- LYNCH, K. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1980
- MAGALHÃES, S. *Tamanho é documento*. O Globo. Coluna Sérgio Magalhães. <<http://oglobo.globo.com/opiniaio/tamanho-documento-18388145>> Acesso em 02 jan 2016
- MENEZES, U. B. O campo do Patrimônio Cultural: uma revisão de premissas. In: *Anais do I Forum Nacional do Patrimônio Cultural*. Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão. Ouro Preto: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2009. p 127-137
- MONTANER, J. M. *La modernidad superada. Arquitectura, arte y pensamiento del siglo XX*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1997.
- MUMFORD, L. *A cidade na história*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.
- MUNTAÑOLA, J. *La arquitectura de la narrativa, la narrativa de la arquitectura*. In: Topogénesis. Fundamentos de una nueva arquitectura. Barcelona: Edicions UPC, 2000a. 176pp.
- _____, J. *Las formas del tiempo*. Barcelona: @becedario, 2007.
- _____, J. *Topogénesis*. Fundamentos de una nueva arquitectura. Barcelona: Edicions UPC, 2000. 176pp.
- RICOEUR, P. *Arquitectura y narratividad*. Barcelona: Edicions UPC, 2003.
- _____, Paul. *Tiempo y narración*. Vol 1. México: Siglo Veintiuno Editores, S.A., 1995. 371pp. pp. 161-165.
- ROSSI, A. *A arquitetura da cidade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1995.
- UNESCO 2015. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/>> Acesso em 04 mar, 2016.